

**NAS TRILHAS DE PAULO LEMINSKI:  
FILOSOFIA ANTIGA, CRÍTICA SOCIAL E SUBVERSÃO<sup>1</sup>**

*Renata Senna Garraffoni<sup>2</sup>*

**Resumo:** *O objetivo central deste artigo é propor uma reflexão sobre as aproximações possíveis entre os antigos gregos e romanos e a cultura jovem na segunda metade do século XX. Para tanto, inicio apontando qual perspectiva dos estudos críticos da recepção que adoto para esta análise e, em seguida, sigo comentários de Paulo Leminski para discutir como leituras específicas da filosofia grega se conectam à contracultura norte-americana e seu potencial inspirador de questionamento de verdades dentro e fora da academia.*

**Palavras-chave:** *Recepção dos clássicos; Poesia; Contracultura; Filosofia grega.*

**FOLLOWING PAULO LEMINSKI:  
ANCIENT PHILOSOPHY, SOCIAL CRITICISM AND SUBVERSION**

**Abstract:** *The aim of this paper is to propose a discussion on the possible connections between the ancient Greeks and Romans and youth culture in the second half of the 20th century. To this end, I begin by pointing out which perspective of critical reception studies I adopt for this analysis and then follow comments by Paulo Leminski to discuss how specific readings of Greek philosophy connect to North American counterculture and its inspiring potential for inquiring reality.*

**Keywords:** *Classical Reception Studies; Poetry; Counterculture; Greek philosophy.*

---

<sup>1</sup> Recebido em 16 de outubro de 2023 e aprovado em 05 de janeiro de 2024.

<sup>2</sup> Professora titular no Departamento de História da Universidade Federal do Paraná (UFPR). ORCID: [orcid.org/0000-0002-4745-8161](https://orcid.org/0000-0002-4745-8161)

### Sobre passado antigo e presente<sup>3</sup>

Por que estudar a Antiguidade Clássica? Ouvi essa pergunta inúmeras vezes ao longo de minha trajetória, seja de brasileiros, seja de estrangeiros, assim como é bem provável que quem estiver lendo este dossiê, estudioso/a do mundo antigo ou alguém que se interessa pelo tema, já deve ter se deparado com ela em algum momento. A pergunta não tem resposta fácil, nem direta, cada um e cada uma terá seus motivos que não são permanentes e podem variar ao longo da vida ou do desenvolvimento das pesquisas. E, por isso mesmo, é uma pergunta desafiadora, nos faz pensar sobre nossas escolhas pessoais, políticas e epistemológicas. Nesse sentido, optei por iniciar essa reflexão a partir dela, não que tenha uma resposta, mas porque ela permite explorar a produção de conhecimento em diferentes instâncias, desde a pesquisa empírica até nossa prática em sala de aula. A curiosidade ou crítica de quem está de fora, portanto, permite que me posicione em múltiplas dimensões: como mulher, brasileira/latino-americana, comprometida com o pensamento crítico e com a defesa do ensino público inclusivo, como pesquisadora atenta à diversidade da escrita do latim, dos modos singulares de vidas romanos, da subalternidade, das violências, mas também das resistências.

Isso significa que, do meu ponto de vista, há ao menos duas questões de fundo que são possíveis de serem exploradas. Há a forma como manejamos o conhecimento histórico, produzido pela academia desde o século XIX, com os debates teóricos, metodológicos, historiográficos específicos; e há o presente em que estamos, que nos leva a fazer perguntas a esses passados. Desde que Marc Bloch e Lucien Febvre criaram a revista *Annales*, o lugar do presente nas perguntas sobre o passado está posto e, ao longo do século XX, a objetividade e a imparcialidade do/a estudioso/a foram questionadas de diferentes maneiras e perspectivas. Não há dúvidas que isso causou novos objetos de estudo, novas perspectivas de análise. Dentro dos estudos clássi-

---

<sup>3</sup> O presente artigo faz parte das reflexões que desenvolvo junto ao projeto ANTIMO, coordenado por Mirella Romero Recio (Universidade Carlos III, Madri) e Jesus Sallas (Universidade Complutense de Madri), a quem sou grata pelo convite em participar dele. Possui financiamento do governo espanhol, registrado como ANTIMO – Proyecto de I+D+i “La Antigüedad modernizada: Grecia y Roma al servicio de la idea de civilización, orden y progreso en España y Latinoamérica”, PID2021- 123745NB-I00, MCIN/AEI/10.13039/501100011033 y FEDER.

cos, as discussões têm suas especificidades, seus desdobramentos, e os novos estudos sobre subalternidade, gênero, sexualidade, poder, por exemplo, trouxeram muitas abordagens possíveis, em uma área que por décadas se fixou em analisar textos definidos como cânones e a cultura das elites. Assim, mesmo que os estudos clássicos tenham se mantido por mais tempo na defesa da objetividade, nas últimas três décadas passou por mudanças profundas, graças ao pensamento pós ou decolonial, aos estudos *queer*, aos feminismos, aos marxismos, entre tantas outras perspectivas que poderíamos elencar.

Dentro dos deslocamentos possíveis de objetos e novas questões, o campo da recepção dos clássicos se firmou desde a década de 1990. Não que estudiosos não tenham feito a pergunta que mencionei; em uma outra ocasião, em um artigo escrito em parceria com Glaydson Silva e Pedro Paulo Funari, argumentamos que a discussão sobre a presença dos antigos gregos e romanos na Modernidade e a importância dos estudos clássicos não escapou a autores importantes ao longo do século XX, como Momigliano e Finley, por exemplo (Silva; Funari; Garraffoni, 2020). Mas o que os estudos da recepção trazem de novo é uma ênfase maior na capacidade das pessoas em geral em ler e interagir com o mundo antigo, em suas criações, não se limitando à discussão no campo acadêmico. Investigar como se formam visões da Antiguidade a partir de discursos totalitários, como durante o nazifascismo, ou como se difundem no cinema, nos quadrinhos, na arte, em geral, por exemplo. Ou as razões de ocorrer uma espécie de renascimento da Antiguidade em discursos que justificam racismos, imperialismos e colonialismos no século XIX. Ou, como são absorvidos pelas vanguardas modernistas ou nos deslocamentos contradiscursivos, como as críticas de Simone Weil, do movimento espartaquista liderado por Rosa Luxemburgo.

São muitas as possibilidades de análise e, por isso, tais estudos são complexos e desafiadores, pois, na Modernidade, gregos e romanos aparecem em redes discursivas diversas, muitas vezes de forma contraditória. Segundo Setis (2006), entre as tantas novas leituras que surgiram da Antiguidade ao longo dos séculos, há uma particularidade importante no início do século XX: os antigos gregos e romanos que desde a arte do final do século XVIII foram tomados como modelo de beleza e poder – daí o momento do surgimento do termo “clássico” – no início do século XX, tendo sido filtrados pelas vanguardas modernistas, passaram a constituir a base de discursos de ruptura com a ordem. Esse fenômeno gerou uma espécie de bifurcação, com dois tipos de discursos distintos. O primeiro ligado

à noção de “herança”, logo de “continuidade”, instituindo, definitivamente, o “clássico” como um passado modelar que seria a origem do mundo ocidental e civilizado. O segundo, de contestação da ordem, propunha a diversidade, a possibilidade das misturas, da retomada do que foi marginalizado pelas tradições ou tornado heresia ao longo do período medieval, como definiu, neste caso, Willer (2010).

Este embate foi muito perceptível no âmbito das artes. Um bom exemplo é a exposição *Chaos and Classicism: Art in France, Italy, and Germany, 1918-1936*, que foi realizada no Guggenheim, entre outubro de 2010 e janeiro de 2011,<sup>4</sup> e teve como principal ponto problematizar a diversidade de leituras sobre o mundo clássico no entreguerras. Tanto no catálogo da exposição (Silver, 2010) quanto no material disponível *on-line*, no qual é possível recuperar parte de como foi a mostra, curadores deixam claro que este período foi de experimentação e leituras fragmentadas do mundo antigo. O resultado dessas tensões foi o surgimento, ao mesmo tempo, de leituras poéticas e vanguardistas francesas do mundo greco-romano, do neoplatonismo da Bauhaus alemã, das leituras políticas enviesadas de Mussolini do Império Romano e da estética nazifascista. Em uma busca pela ordem ou uma explicação plausível após as destruições sem precedentes da Primeira Guerra Mundial, há uma espécie de mergulho naquilo que as pessoas tinham como perene: o mundo clássico. Seja para estabilizar a ordem ou para buscar outras vidas possíveis e mais pacíficas, gregos e romanos foram a base estética para pinturas, esculturas, fotografias, filmes, moda, *design*. Ao colocar lado a lado as estéticas, com um recorte temporal específico, e uma grande diversidade de cultura material, a exposição de fato provoca inúmeras reflexões e, de certa forma, se torna um recorte interessante para o que Settis teoriza em sua obra: a tensão entre continuidade e ruptura com o clássico que emerge na virada do século XIX para o XX.

Creio que ter isso em mente é importante para quem estuda a Antiguidade Clássica, afinal, a historiografia e suas modificações ao longo

---

<sup>4</sup> Parte da exposição e o material didático para trabalhar em sala de aula com estudantes sobre as questões propostas podem ser acessados no site do museu. Agradeço à Vanessa Bortulucce por chamar minha atenção para esse material didático, que pode ser usado tanto no Ensino Fundamental e Médio quanto no Ensino Superior. Disponível em: <https://www.guggenheim.org/teaching-materials/chaos-and-classicism>. Acesso em: 13 out. 2023.

do século XX respondem a tensionamentos de seus tempos, e inseri-las em um embate político, social e cultural, pode dar outra dimensão ao nosso trabalho de pesquisa. Por isso entendo que os estudos de recepção trazem uma potência interessante, afinal, permitem analisar os estudos clássicos dentro de redes discursivas e abrem espaço para perceber como circulam entre academia e sociedade de forma mais fluida. Constituem, portanto, aporte teórico importante para entendermos os deslocamentos discursivos das décadas de 1970 e 1980, que me interessam analisar nesta ocasião: aqueles disruptivos, de contestação social, que tiveram os antigos gregos e romanos como sua base. Para tanto, inicio apontando qual perspectiva dos estudos críticos da recepção que adoto e, em seguida, sigo comentários de Paulo Leminski para discutir como leituras específicas da filosofia grega se conectam à contracultura norte-americana e seu potencial inspirador de questionamento dentro e fora da academia.

### **Entre gregos, romanos e curitibanos**

Ao iniciar essa reflexão destacando as duas principais formas de manejo da cultura greco-romana ao longo do século XX – uma voltada ao exercício do poder e a outra à sua contestação –, me aproximando da segunda, em especial pelo meu interesse à sua capacidade de produzir análises críticas e subversivas do passado e do presente, estou assumindo uma postura teórica dos estudos de recepção que derivam tanto de Charles Martindale (1993) quanto de Lorna Hardwick (2003). Do primeiro, a inspiração vem de sua crítica aos modos de ler teleológicos, afinal, Martindale é preciso ao apontar que o estudo de um texto e de sua recepção não pode fechar o mundo antigo em guetos – precisa ir além dos cânones, entendendo que o significado daquilo que chegou até nós ocorre no momento da leitura. Dessa crítica decorre algo bastante instigante: a clareza de que o encontro de um texto antigo com um leitor do nosso presente é um acaso, dada a diferença cultural e temporal que nos afasta. A única forma desta conexão se realizar é por meio das cadeias de transmissão e resignificação que as obras passaram para chegarem a nós tantos séculos depois. Ou seja, não é possível a leitura dos textos greco-romanos sem perceber suas camadas de historicidade, sem fazer as devidas críticas às autoridades culturais que definem as direções do ato de ler. Textos não têm significados estáveis, podem ser lidos em múltiplas formas e... reescritos em cada novo presente.

Já de Hardwick (2003) chama muito a minha atenção o seu apontamento de que os textos que recebemos da Antiguidade, na sua origem, não ficavam restritos a poucos, muito menos trancados em torres de marfim. Como boa parte da cultura greco-romana estava pautada na oralidade, os textos constituem parte da cultura desses povos, não toda, e, além disso, estão inseridos em lutas de poder para que ocorra sua permanência. Hardwick expande as relações de poder e afirma que o que chegou até nós é o que foi preservado já na própria Antiguidade, indicando a importância não só dos estudos das cadeias de recepção, mas também das relações de poder na própria Antiguidade. Assim, é preciso ter em mente que o que chegou até nós é limitado em termos de volume da produção, mas aquilo que restou abriu uma diversidade de formas de recepção até a Modernidade. Por isso, analisar a condição da recepção e sua forma é fundamental para entender tanto a leitura feita em determinado presente quanto como essa leitura pode trazer novas perguntas ao passado antigo, iluminando o passado e o presente. Nesse sentido, há um movimento de pensar cuidadosamente as temporalidades e as relações de poder, afinal, produções humanas estão inseridas em contextos sociais e culturais, e saber como se mover entre eles ajuda a questionar e descolonizar mentes (Hardwick, 2003). Assim, Hardwick (2003) avança da crítica às leituras do texto ao longo do tempo, bastante apurada já em Martindale (1993), para a posição social e política de quem lê e escreve já na Antiguidade, e também para quem transforma a cultura clássica em outras linguagens, seja nas artes visuais, no teatro ou no cinema.

Martindale (1993) e Hardwick (2003), desse modo, ao defenderem estudos críticos da recepção, apontam caminhos bastante profícuos. No caso de Hardwick, nos desafia a buscar aspectos não canônicos da cultura greco-romana, o que pode ser feito pelo viés arqueológico, por exemplo, pois a cultura material é menos discutida por ambos e se pautam na transmissão textual e não epigráfica. E no caso de Martindale, há uma profunda crítica da leitura automatizada da Antiguidade, da noção de “legado”. Ambos instigam, portanto, a uma profunda reflexão sobre as razões de o mundo greco-romano importar a tantas sociedades, qual parte das suas tão diversificadas culturas vem à tona em diferentes presentes, perceber como os sujeitos históricos negociam suas percepções da vida e suas subjetividades com aquilo que restou da Antiguidade. Ambos apontam para algo que Miller (2022) consegue já desenvolver com maestria ao analisar a forma como Foucault leu Sócrates: os clássicos não são modelos inquestionáveis, estão inseridos em regimes de

verdade próprias, são eventos discursivos que se dissolvem em nossas percepções da realidade, por isso, ao serem lidos de forma crítica, pelo viés das margens, abrem a possibilidade de pensar de forma diferente.

Esta busca por formas de subversão do discurso e leituras outras possíveis da Antiguidade é, do meu ponto de vista, fruto das rebeliões artísticas e epistemológicas do pós-Segunda Guerra em diálogo com as vanguardas do final do século XIX e início do XX, que comentei a pouco, ao me referir aos argumentos de Settis (2006). Se, por um lado, uma análise teórica e historiográfica cuidadosa das leituras sobre o mundo greco-romano permite entender os impactos da Segunda Guerra nas pesquisas acadêmicas, em especial na busca por novos sujeitos e formas de produção do saber com críticas cada vez mais estabelecidas às perspectivas masculinistas, eurocêntricas, racistas, misóginas, os estudos críticos de recepção, por outro, permitem olharmos para além dos muros acadêmicos e perceber como ativistas, escritores, artistas, militantes, entre tantos outros sujeitos possíveis, negociam esses valores. Esse deslocamento muitas vezes é surpreendente e, como aponta Hardwick (2003), expressa a criatividade diante da cultura clássica e uma vitalidade que inspira mais uma vez a mirar o passado, mas agora com outros olhos.

No caso de Curitiba, que venho pesquisando há alguns anos, a relação com a cultura greco-romana está presente desde o final do século XIX, em especial após a separação do Paraná de São Paulo e a necessidade de construir uma capital moderna para a nova província. Há uma série de embates políticos, com escolhas na construção de edifícios e das praças públicas, em que predominam o ecletismo e a *Art Nouveau*, com muitas referências à Antiguidade Clássica, mas é na sociabilidade e nos embates literários, poéticos e nas perspectivas educacionais que elementos da cultura grega (ateniense) e romana se fazem muito presentes. Entre festas da Primavera, Olimpíadas e publicações nos jornais e revistas simbolistas que floresceram neste momento, valores culturais antigos foram recortados, transformados e recriados em um ambiente no qual predominava o analfabetismo. Homens e, também, mulheres, nestes encontros poéticos discutiram cidadania, história geral, educação pública para todos e todas. E escreveram muita poesia até os anos de 1930. Embora pouco tempo depois surja uma forte crítica ao que propuseram, em especial de um grupo de jovens liderados por Dalton Trevisan, no final da década de 1940, o fato é que alguns destes preceitos foram retomados por Paulo Leminski em um contexto contracultural de resistência à ditadura. É a esse aspecto que gostaria de me deter mais a fundo a seguir.

## As múltiplas leituras de Leminski

Paulo Leminski (1944-1989), poeta curitibano, como destaquei em outra ocasião, teve uma breve e intensa vida (Garraffoni, 2023). Sua forma de viver criou afetos e desafetos, resistências e adesões. Afinal, como bem destaca Sandmann (2010), apesar de estar fora dos grandes centros, estabeleceu interlocução com nomes importantes da arte brasileira dos anos de 1960, 1970 e 1980, era um intelectual culto e informado, versado em letras e, também, protagonizou mudanças comportamentais, encarnando a figura do poeta maldito do século XIX. Sua vida foi, nas palavras de Hara (2017, p. 184), “[...] uma aritmética singular que somava o erudito com o marginal”. Multifacetado, atuou em diferentes campos – e o que me interessa destacar aqui é o seu lado tradutor.

Ivan Justen Santana (2002, p. 40) apresenta uma dimensão deste seu trabalho. Segundo o autor, Leminski verteu para o português um total de 124 textos, a partir de 14 línguas diferentes, trabalhando obras de cerca de 56 autores. Do latim traduziu textos de Horácio, Marcial, Agostinho e Petrônio, e, Toninho Vaz (2000), seu biógrafo e amigo, afirma que foi ainda muito jovem, no mosteiro de São Bento, que o poeta entrou em contato com os textos gregos e romanos. Por iniciativa própria, Leminski, com 13 anos, escreveu a D. Clemente candidatando-se a uma vaga. Foi lá que conheceu Dom João Mehlmann, especialista em autores gregos que o guiou por bibliotecas do monastério, apresentando-o a Homero, Virgílio, Horácio, Ovídio e, também, Dante.

Mesmo que sua passagem por lá tenha sido breve, ele nunca deixou de lado seus estudos em letras clássicas. Comunicava-se, por cartas, com Dom Clemente, contando da alegria de ler os textos no original.

Esse trânsito em idiomas, do japonês ao latim, e sua habilidade tradutória nem sempre foram suas facetas mais lembradas, embora tenham sido intensas. No documentário *Ervilha da Fantasia: uma ópera Paulo Leminskiana*,<sup>5</sup> no minuto 12:14 ele mesmo apresenta as obras que está trabalhando, sendo possível ter uma ideia dos trânsitos que faz entre línguas

---

<sup>5</sup> Documentário para TV realizado em 1985 por Werner Schumann. Edição de Eduardo Pioli Alberti e produção executiva de Altenir Silva, Willy Schumann e Werner Schumann. Disponível no YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=zkl57-h-C3ko>. Acesso em: 13 out. 2023.

e culturas distintas: apresenta *Catatau*, seu primeiro livro publicado em 1975, prosa experimental, além de seus três livros de poesia. Todos esses livros são publicados por editoras curitibanas, mas afirma que o primeiro livro publicado em editora nacional foi *Caprichos e Relaxos*, pela Editora Brasiliense. Comenta brevemente sobre o seu segundo romance, e, na sequência, apresenta as biografias que fez do poeta japonês Bashô, por ser um grande mestre de haicai, estilo poético que Leminski praticou, e de Jesus Cristo, uma leitura que fez dos evangelhos. Neste momento, aos 13:32 minutos para de mostrar os livros, como vinha fazendo até então, e abre uma reflexão. Afirma que resolveu escrever sobre Jesus porque a longevidade de sua presença sempre o intrigou, afinal, são mais de dois mil anos e esta segue no nosso cotidiano, o que, para ele, seria uma questão que precisaria entender melhor. Nas suas palavras exatas: “qual é a força que esta figura tem que faz com que venha redescobri-lo? É uma pergunta que se situa no plano histórico, não necessariamente no religioso”. Ou seja, deixa bem claro que se interessa por uma espécie de mistério que faz com que cada nova geração descubra uma outra faceta desta figura, mas desde uma perspectiva histórica e não religiosa. E ainda afirma que se interessa, também, em entender como no interior da Igreja Católica, ligada sempre à vida das elites, contra o progresso e muitas vezes reacionária, aparece a teologia da libertação, que tira de Jesus ensinamentos e uma perspectiva de revolução social. Não deixa dúvidas ao mostrar, com tamanha precisão, que o que o instiga é o caráter presente e constante da figura de Jesus e sua potência em gerar discursos que podem, inclusive, se contradizer. Ao final deste trecho, aos 14:54 minutos, volta às obras e apresenta as traduções que fez nos últimos dois anos para a mesma Editora Brasiliense: *Pergunte ao Pó*, dois livros de John Lennon, um de Lawrence Ferlinghetti, o *Giacomo Joyce*, de James Joyce, uma obra japonesa chamada *Sol e Aço*, e finaliza comentando que está, naquele momento, finalizando a tradução do *Satyricon*, de Petronio.

O trecho de pouco mais de dois minutos, embora curto, é interessante por vários aspectos. Primeiro porque o poeta faz um sobrevoo sobre suas obras e trabalho, mostrando toda a sua versatilidade com textos – poesia, prosa, biografia e traduções – e com a língua, pois para realizar os trabalhos apresentados precisa do domínio ao menos do inglês, do japonês, do grego e do latim. Em segundo lugar, é certeiro, por meio do exemplo de Jesus, em explicar que tem interesse em como figuras da Antiguidade atravessam o tempo, como podem ser lidas de formas tão distintas, sustentando o

conservadorismo ao mesmo tempo que gera leituras mais libertárias, claramente se posicionando próximo à segunda. E mais, é claro em dizer que se interessa pela historicidade dos textos. E mistura os antigos com trabalhos de seu tempo, Lennon e Ferlinghetti, ambos ícones já consagrados tanto do rock como da contracultura norte-americana. Essa conexão é bastante peculiar, e uma das explicações possíveis é que o momento é 1985, final da ditadura civil-militar e fim da censura, o que faz com que editoras, como a Brasiliense, invistam em temas que chamem a atenção da cultura jovem.

Apesar desta explicação plausível, as misturas de Leminski podem seguir parecendo estranhas, afinal, muitos criticaram tanto suas escolhas como algumas de suas traduções, entre elas o próprio *Satyricon*, de Petrônio. No entanto, um olhar mais cuidadoso, tendo em mente as perspectivas de recepção, como já pontuei, vislumbra que suas explicações são muito ricas e inspiradoras. Vieira (2022, p. 18), por exemplo, comenta, na esteira de Hara (2017), que sua posição entre a erudição e a curtição se expressa em suas escolhas. Em *Catatau* já aparece o latim que o agrada, o chistoso, do riso, algo que levará ao limite em sua tradução do *Satyricon*. É do latim que retira uma Roma risível, do baixo-ventre, marginal e popular.

Adepto da “transcrição” concretista como perspectiva em seu processo de tradução, Leminski cruza mundos, explora o humor com irreverência e se posiciona política e esteticamente. É por essa razão que Lívia Pereira (2022) defende que Leminski teria um projeto de tradução. Era ciente que a operação intertextual não é neutra, que cria novos sentidos ao original evocado. Nessa perspectiva, Pereira argumenta que a própria escolha das obras indica quem o poeta gostaria de homenagear, fazendo com que a obra de outros tempos ou culturas renascesse no presente brasileiro, dando uma nova vida ao texto traduzido (Pereira, 2022, p. 31). Ele escolhe qual tradição gostaria de pertencer, não necessariamente por ordem cronológica, mas por rotas múltiplas de diferentes culturas e períodos. Essa tradução criativa e o processo consciente de escolha, segundo Pereira (2022, p. 35), criam um “paideuma leminskiano”, sendo possível perceber o encontro que o poeta tem com os antigos e como gostaria que eles seguissem presentes.

É uma escolha pela margem, pelo cotidiano, pelo jocoso. Cruzando a Tropicália com haicai e cultura grego-romana, Leminski se situa entre aqueles poetas que admira por suas misturas livres. Aproximar-se de Lawrence Ferlinghetti, poeta norte-americano e seu contemporâneo, é um

bom exercício para perceber como faz suas articulações e homenagens. Há um ensaio publicado na coletânea *Ensaaios e anseios crípticos* intitulado “Ferlinghete-se” (Leminski, 2011, p. 261-265), em que o poeta inicia comentando o filme de Martin Scorsese, *The last Waltz* (1978), que retrata a despedida da banda que acompanhou Bob Dylan por muito tempo. Entre os convidados está um senhor de cabelo branco que lê um poema em inglês arcaico. Discreto, entra e sai de cena, e Leminski diz que foi a única vez que viu Ferlinghetti declamando. A partir desta introdução, mergulha em uma análise mais aprofundada da sua obra, uma linguagem solta, ligeiramente surrealista, e, ao comentar seu ensaio “Poesia Moderna é Prosa”, discutindo uma série de seus versos, termina com a seguinte consideração (Leminski, 2011, p. 265):

*Não é qualquer poeta que consegue esse fantástico trocadilho bilíngue entre “dove”, onde, em italiano, e “dove” pomba em inglês, onde está a pomba, a doce ave de Vênus, a deusa do amor? “Hillsong”, “willsong”, “plainsong”, “painsong”, é desse Ferlinghetti que eu vou lembrar sempre, capaz de uivo e capaz de silêncio.*

No ensaio, discute as dificuldades da tradução de um poema como esse de Ferlinghetti, que mistura línguas e sentidos. Como expressar o que as culturas têm de mais raro, rico e forte? Quem domina línguas e culturas é capaz de produzir sensações múltiplas em quem lê, é também capaz de ser discreto em algumas ocasiões, como no filme, ou de gritar em protesto, quando necessário. Ferlinghetti, aquele frágil homem de cabelos brancos das telas no final da década de 1970, enfrentou outrora a censura macarthista norte-americana ao publicar *Uivo e outros Poemas*, de Allen Ginsberg, desencadeando lutas pela liberdade de expressão nos EUA.<sup>6</sup> Ao finalizar com “uivo”, Leminski joga com trocadilhos, indicando que compartilha e admira a postura política de Ferlinghetti contra a censura, seus conhecimentos linguísticos variados e articulações livres com o passado antigo em

---

<sup>6</sup> Escrito em 1955 e publicado em 1956 por Ferlinghetti, *Howl*, no original, rendeu uma série de processos, o que acabou transformando o escândalo em um movimento social contra o *american way of life*. Sobre a importância literária e política da obra de Ginsberg publicada por Ferlinghetti, veja os comentários de Claudio Willer em sua tradução para a L&PM (Willer, 1999, p. 7-18).

uma perspectiva marginal. Afinal, essa conexão entre passado antigo, jogos de linguagem e rebelião contra o *status quo* é muito presente na poesia *beat* que Ferlinghetti ajuda a construir, por isso, seria interessante explorar um pouco mais as conexões entre esses mundos aos quais Leminski parece querer se alinhar.

### Questione tudo, sempre

[...]  
*Questione tudo e todos, inclusive Sócrates, que questionava tudo*  
*Questione “Deus” e seus sócios na Terra.*  
*Seja subversivo, questione constantemente a realidade e o status quo*  
[...]  
Lawrence Ferlinghetti

Lawrence Ferlinghetti foi uma figura icônica do século XX. Nascido nos EUA em 1919, filho de um anarquista italiano e mãe com ascendência franco-portuguesa, acabou sendo criado pela tia, na França, no início de sua vida, uma vez que o pai faleceu antes de nascer e a mãe tinha problemas de saúde. Ainda pequeno, retorna aos EUA, vive em orfanatos e acaba adotado em Nova York. Estuda Jornalismo, luta na Segunda Guerra Mundial e retorna aos EUA para fundar, em São Francisco, na Califórnia, a livraria *City & Lights*, em 1953, epicentro da publicação contracultural norte-americana. Desde então, até seu falecimento, em 2021, aos 101 anos, atuou como editor, poeta e ativista político (Calixto, 2023, p. 98-101). O trecho que destaquei está presente em “Poesia como arte insurgente”, poema no qual dialoga com o/a leitor/a que pretende começar a escrever – parte da obra recentemente traduzida no Brasil por Fabiano Calixto, que leva o mesmo título. A obra reúne poemas de Ferlinghetti desde 1950 até 2007, quando foi lançada originalmente em inglês. Calixto comenta que os poemas foram atualizados pelo escritor ao longo das décadas, mas a maioria deles tem redação da década de 1970, um *working in progress*, como o próprio Leminski afirma no ensaio comentado, o que indica que conhecia os originais. Composto por cinco textos, a obra é uma lírica de combate utópica e anticapitalista, uma poética *contramorte*, segundo o tradutor, que desafia a linguagem a falar de temas apagados pelo neoliberalismo. Uma obra subversiva.

De fato, ler *Poesia como arte insurgente* é uma experiência que mexe com as nossas emoções, nos faz pensar o que temos feito diante das desigualdades e das violências cotidianas. Provoca-nos o tempo todo, algumas vezes, inclusive, com o que temos feito com o pensamento clássico, como no trecho que destaquei. Ao desafiar o leitor a mudar o sistema, o faz por todos os meios, inclusive a descolonização das mentes, já apontada por Calixto. Sócrates aparece junto a “deus” para instigar o leitor ou a leitora a questionar a realidade. Inicia com Sócrates indicando que tudo pode e deve ser enfrentado, e junta uma crítica direta à exploração financeira da fé, não deixando dúvidas que se alguém quer mudar o mundo, precisa estabelecer uma constante crítica à realidade, às suas crenças e valores.

Selecionei essa passagem não aleatoriamente, mas porque a filosofia grega aparece na literatura contracultural norte-americana sustentando formas de subversão do discurso, aspecto que sempre me chamou muito a atenção. Para um melhor entendimento deste fenômeno, é importante observarmos os comentários de Claudio Willer, poeta surrealista, profundo conhecedor da poesia e cultura *beat* e tradutor de Ginsberg. Em *Os rebeldes: geração beat e anarquismo místico*, Willer (2013, p. 61-74) tem um capítulo no qual discute marginalidade e memória na escrita *beat*, essa da qual Ferlinghetti foi não só divulgador, como também partilhou de seus princípios. Em sua leitura, os marginais são representantes de uma perspectiva de liberdade. Não são personagens centrais exclusivos dos *beats*, ao contrário, aparecem entre muitos autores norte-americanos com, por exemplo, Jack London. O que diferencia Kerouac, Ginsberg e seus colegas, segundo Willer, é a aproximação da construção literária das memórias destes personagens, à margem da sociedade, com leituras específicas da anamnese platônica.

A argumentação de Willer vai no sentido de destacar que tal lembrança não é de algo específico, mas os marginais seriam portadores de uma memória arcaica, perdida em outro tempo. A referência, aqui, é justamente a Sócrates, no *Fédon*: uma categoria empiricamente impossível, associada ao tempo circular, da terra ao Hades, do Hades à terra; da vida ao falecimento, do falecimento à vida (Willer, 2013, p. 67). É o princípio do contrário, atrelado ao marginal, aos submundos, lugar de onde os *beats* tiram os mistérios da vida e buscam mudar o contexto em que vivem. Há uma valorização do arcaico em comparação à ilusão do presente, o que, segundo Willer, os aproxima, mais uma vez, do platonismo (Willer, 2013, p. 71). Em suas

próprias palavras (Willer, 2013, p. 73): “[...] na amplidão polifônica dos diálogos de Platão tanto encontraremos recomendação de moderação, que pode ser associada ao ‘caminho do meio’ dos taoísta, quanto elogios de embriaguez, delírio e possessão como fontes da inspiração”. Dessa forma, a leitura de Platão faz com que ajustem esta filosofia aos preceitos budistas que nutrem a contracultura norte-americana. Nessa perspectiva, do platonismo vem a crítica política à ideologia, do budismo vem a constatação da ilusão de como se percebe a realidade. Ao cruzá-las em suas prosas e poesias, os *beats* definem a realidade empírica sensível como degradada e ilusória, criando uma urgência na sua transformação. Por isso é possível questionar a tudo e a todos, como quer Ferlinghetti: a Sócrates, a Deus, a seus sócios na terra, a realidade (capitalismo), mas desde que de forma intensa e constante.

Há algum projeto político claro ao qual se atrelam? Nesta leitura, não há planos ou dogmas preestabelecidos a serem seguidos, há provocações, um movimento em direção à vida em suas diferentes formas. Há poesia, oralidade, mudança, novo, há o vislumbre de um mundo, que, com um pouco de sorte, um dia, pode vir a ser múltiplo. Há ação, aquela do otimismo poético/libertário de Ferlinghetti, como lemos, mais adiante, neste mesmo poema que mencionei: “empenhe-se em mudar o mundo de tal maneira que, um dia, não haja mais necessidade de dissidentes. [...] Desafie o capitalismo disfarçado de democracia.” Há, por fim, leituras dos antigos gregos e romanos que, entre a erudição e a marginalidade, abrem outras relações possíveis sobre o passado antigo e sobre o que fazemos com ele.

Entendo que eram essas as conexões de Leminski, assim como outros poetas de sua geração buscavam. Um movimento radical de questionamento do mundo que de alguma forma atinge tantos e tantas jovens em diferentes contextos nas décadas de 1960 e 1970. Inclusive na academia. Deleuze e Guattari escreveram *O anti-Édipo* (1972) e afirmaram, em *Mil platôs* (1980), que em suas cartografias literárias esses poetas estariam comprometidos com a conexão entre escrita e movimentos sociais (Deleuze; Guattari, 1995, p. 30). Hélène Cixous publicou *O riso da Medusa* (1976) e Michel Foucault, colega de Hado, de Veyne, que já havia militado no Groupe d’Information sur les Prisons (GIP) com Vidal-Naquet, também foi um grande expoente nestas subversões. Ou não foi com a sua leitura tão particular de Sócrates que Foucault recolocou o cuidado de si e a parresia como central no fazer intelectual e na militância política (Vieira, 2015)?

Ao terminar sua vida lecionando sobre os gregos e romanos na busca por novos modos de vida, Foucault se conectou com seu tempo, aquele dos questionamentos incessantes, que incluía a própria noção de “verdade ocidental”. Então, cada um a seu modo, ativistas, poetas, feministas, filósofos e historiadores/as, engrossaram o coro das lutas por vidas não fascistas na segunda metade do século XX. Arejaram e arejam nossas percepções sobre a Antiguidade para multiplicarmos as vidas possíveis em nosso presente. Chamaram-nos à luta, propuseram mudanças e nos deixaram escolhas:

[...]  
*Parem de balbuciar e bradem*  
*Uma nova poesia, liberta e libertária*  
*Com uma nova “superfície pública” comunossensual*  
*Com outros níveis subjetivos*  
*Ou outros níveis subversivos*  
[...]  
Despertem e cantem ao ar livre  
*Manifesto Populista #1*  
(Lawrence Ferlinghetti<sup>7</sup>)

### Referências bibliográficas

- CALIXTO, Fabiano. Prefácio. In: FERLINGHETTI, Lawrence. *Poesia como arte insurgente*. Trad. Fabiano Calixto. São Paulo: Editora 34, 2023. p. 7-12.
- CIXOUS, Hélène. *O riso da Medusa*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022. [1976]
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo*. São Paulo: Editora 34, 2011. [1972]
- \_\_\_\_\_. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 1. São Paulo: Editora 34, 1995. [1980]
- FERLINGHETTI, Lawrence. *Poesia como arte insurgente*. São Paulo: Editora 34, 2023.
- GARRAFFONI, Renata. Das desigualdades, linhas de fuga. Um ensaio sobre o *Satyricon* de Petrónio e de Leminski. In: SILVA, Filipe; FUNARI, Pedro Paulo;

---

<sup>7</sup> Tradução de Fabiano Calixto.

- RODRIGUES, Sofia (orgs.). *Desigualdade social na Antiguidade: agenciamentos e linhas de fuga*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. p. 181-210.
- HARA, Tony. *Saber Noturno – uma antologia de vidas errantes*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2017.
- HARDWICK, Lorna. *Reception Studies*. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- LEMINSKI, Paulo. Ferlinguete-se. In: \_\_\_\_\_. *Ensaio e anseios crípticos*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2011. p. 261-265.
- MARTINDALE, Charles. *Redeeming the Text: Latin Poetry and the Hermeneutics of Reception*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- MILLER, Paul. *Foucault's Seminar on Antiquity: Learning to speak the Truth*. Londres: Bloomsbury Academic, 2022.
- PEREIRA, Livia. *Paulo Leminski tradutor: a recriação do Satyricon de Petrónio em língua portuguesa do Brasil*. São Paulo: Dialética Editorial, 2022.
- SANDMANN, Marcelo (org.). *A pau a pedra a fogo e a pique: dez estudos sobre a obra de Paulo Leminski*. Curitiba: Imprensa Oficial, 2010.
- SANTANA, Ivan. *Paulo Leminski: intersemiose e carnavalização na tradução*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês), Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- SCHUMANN, Werner. *Ervilha da Fantasia: uma ópera Paulo Leminskiana*. Edição de Eduardo Pioli Alberti e Produção Executiva de Altenir Silva, Willy Schumann, Werner Schumann, 1985. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zkl57-hC3ko>. Acesso em: 13 out. 2023.
- SETTIS, Salvatore. *The future of the classical*. Cambridge: Polity Press, 2006.
- SILVA, Glaydson; FUNARI, Pedro Paulo; GARRAFFONI, Renata. Recepções da Antiguidade e usos do passado: estabelecimento dos campos e sua presença na realidade brasileira. *Revista Brasileira de História*, v. 40, p. 43-66, 2020.
- SILVER, Kenneth. *Chaos and Classicism: Art in France, Italy, and Germany, 1918-1936*. Nova York: Solomon R. Guggenheim Foundation, 2010.
- VAZ, Toninho. *Paulo Leminski: o bandido que sabia latim*. São Paulo: Record, 2000.
- VIEIRA, Brunno. Prefácio – Latim com gosto de Leminski. In: PEREIRA, Livia. *Paulo Leminski tradutor: a recriação do Satyricon de Petrónio em língua portuguesa do Brasil*. São Paulo: Dialética Editorial, 2022, p. 17-21.

VIEIRA, Priscila. *A coragem da verdade e a ética do intelectual em Michel Foucault*. São Paulo: Intermeios, 2015.

WILLER, Claudio. Introdução. In: GINSBERG, Allen. *Uivo e outros poemas*. Tradução de Claudio Willer. São Paulo: L&PM, 1999. p. 7-18.

\_\_\_\_\_. *Os rebeldes: Geração Beat e anarquismo místico*. Porto Alegre: L&PM, 2013.

\_\_\_\_\_. *Um obscuro encanto: gnose, gnosticismo e poesia moderna*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2010.